
CARTOGRAFIA ESCOLAR EM LIVROS DE DELGADO DE CARVALHO E O DESENVOLVIMENTO DA GEOGRAFIA ESCOLAR MODERNA (1930-1943)

SCHOOL CARTOGRAPHY IN DELGADO DE CARVALHO'S TEXTBOOKS AND THE DEVELOPMENT OF SCHOOL MODERN GEOGRAPHY (1930-1943)

CARTOGRAFÍA ESCOLAR EN LOS MANUALES DE DELGADO DE CARVALHO Y EL DESARROLLO DE LA GEOGRAFÍA ESCOLAR MODERNA (1930-1943)

Diego Carlos Pereira¹

João Pedro Pezzato²

RESUMO: Este artigo trata da cartografia na obra de Delgado de Carvalho, um dos intelectuais comprometidos com o movimento de Escola Nova e uma das figuras responsáveis pela introdução da Geografia Moderna no Brasil. Foram analisados manuais para o ensino secundário brasileiro (1930-1943) de autoria deste integrante do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Relacionado ao aperfeiçoamento técnico da indústria gráfica, representações cartográficas são agregadas ao discurso de Delgado uma vez que elas se configuram como linguagem apropriada a difusão de ideias modernas da “ciência positivista”. Compo um itinerário denominado de “modernização conservadora”, as fontes evidenciam uma trajetória não linear e heterogênea, com um percurso repleto de oscilações e contradições. A cartografia escolar, presente nos manuais escolares analisados, manifestou uma linguagem renovadora, entretanto, suas funções e finalidades educativas permaneceram predominantemente ilustrativas e pouco “ativas” no conjunto das fontes.

Palavras-chave: Cartografia. Geografia Escolar. História das Disciplinas Escolares. Delgado de Carvalho. Escola Nova.

ABSTRACT: The theme of this article is the approach of cartography in textbooks of Delgado de Carvalho, one of the intellectuals committed to the Progressive Education movement and one of the figures responsible for the introduction of Modern Geography in Brazil. Manuals for Brazilian secondary education (1930-1943) authored by this member of the “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” were analyzed. Related to the technical improvement of the printing industry, cartographic representations

1 Professor Adjunto do Departamento de Sociedade, Educação e Conhecimento da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, em Niterói/RJ. Doutor em Geografia (UNESP/Rio Claro), Mestre em Educação e Licenciado em Geografia (UFTM/Uberaba). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7450-8849>. E-mail: diegoCarlos@id.uff.br.

2 Professor Associado no Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP. Doutor e Mestre em Educação (USP). É livre-docente pela UNESP na disciplina Fundamentos de Prática de Ensino, na área do Ensino de Geografia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9523-0954>. E-mail: joao.pezzato@unesp.br.

Artigo recebido em abril de 2021 e aceito para publicação em julho de 2021.

are added to Delgado's speech since it is an appropriate language for the diffusion of modern ideas of the "positivist science". Composing an itinerary called "conservative modernization", the sources show a non-linear and heterogeneous trajectory, with a path full of oscillations and contradictions. School cartography, present in the analyzed school manuals, manifested a renewing language, however, its educational functions and purposes remained predominantly illustrative and little "active" in the set of sources.

Keywords: Cartography. School Geography. School Subjects History. Delgado de Carvalho. Progressive Education.

RESUMEN: El tema de este artículo es el abordaje de la cartografía en la obra de Delgado de Carvalho, uno de los intelectuales comprometidos con el movimiento de la Escuela Nueva y una de las figuras responsables de la introducción de la Geografía Moderna en Brasil. Se analizaron los manuales para la educación secundaria brasileña (1930-1943) de este miembro del "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova". Relacionado con el perfeccionamiento técnico de la industria gráfica, al discurso de Delgado se añaden representaciones cartográficas por ser un lenguaje apropiado para la difusión de las ideas modernas de la "ciencia positivista". Componiendo un itinerario denominado "modernización conservadora", las fuentes muestran una trayectoria heterogénea y no lineal, con un recorrido lleno de oscilaciones y contradicciones. La cartografía escolar, presente en los manuales escolares analizados, manifestó un lenguaje renovador, sin embargo, sus funciones y propósitos educativos se mantuvieron predominantemente ilustrativos y poco "activos" en el conjunto de fuentes.

Palabras clave: Cartografía. Geografía Escolar. Historia de las asignaturas escolares. Delgado de Carvalho. Escuela Nueva.

INTRODUÇÃO

As investigações no âmbito da história da Geografia escolar têm se delineado como uma linha de pesquisa que se dedica não somente ao registro da memória da disciplina e suas marcas históricas, como também à compreensão da construção da identidade da Geografia enquanto disciplina escolar ao longo do tempo, apontando para a sua constituição simbólica, discursiva e cultural. A cartografia escolar, nesse sentido, emerge como um desses símbolos da constituição identitária da disciplina.

No entremeio das nossas pesquisas em história da Geografia Escolar, considerando a autonomia da disciplina em seus enredos educacionais, consideramos em nossas investigações (MELO; PEREIRA; PEZZATO, 2018), que entre as últimas décadas do século XIX e a primeira metade do século XX, no contexto da educação secundária brasileira, podemos dividir genericamente essa matéria escolar em dois seguimentos. Ao menos seu caráter teórico e discursivo, consideramos a fase de processos de predominância da denominada de Geografia mnemônico-inventariante e um segundo momento da fase de expansão dos ideários da Geografia Escolar Moderna; ambas, consideradas em suas oscilações, diversidades e heterogeneidades históricas e discursivas, como processos históricos. De maneira geral, sobre as essas fases que investigamos:

A primeira consistiu em fastidiosas compilações de dados informativos de temática diversificada, na enumeração de acidentes geográficos, na apresentação de glossários com registro de ocorrências e na descrição e nomenclatura de fenômenos espaciais. Praticada desde os primórdios do ensino de Geografia no Brasil, tais “conteúdos” geralmente eram decorados e tomados como ponto de prova (MELO; PEREIRA; PEZZATO, 2018, p. 18).

A fase da Geografia Escolar moderna tem início no começo do século XX, em um processo pautado na busca de tornar a disciplina mais próxima dos métodos científicos positivistas em voga no período. Tais pressupostos, no âmbito de ideais “modernistas” estiveram relacionados a diversas modificações sociais, culturais, artísticas, políticas e econômicas a nível mundial; no âmbito da educação, esses ideários deram origem a diversas vertentes filosóficas, ideológicas e metodológicas que buscavam reformar e modernizar o ensino que, não obstante de diversas definições terminológicas, ficou conhecido como Movimento Escola Nova. Um dos expoentes dessa fase moderna do ensino de Geografia no Brasil e do escolanovismo foi o professor Carlos Miguel Delgado de Carvalho, de quem trataremos doravante

Diante disto, este artigo insere-se no contexto de um conjunto de pesquisas desenvolvidas preliminarmente na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Rio Claro), no âmbito do Programa de Pós-graduação em Geografia, que passou posteriormente a congregar outras instituições de forma colaborativa. Contudo, o texto que se apresenta refere-se em especial ao trabalho e pesquisa de Pereira (2019)³, que se dedicou ao estudo da história da Geografia escolar, por meio de livros escolares enquanto fontes, e ao processo de constituição discursiva e cultural do Movimento Escola Nova no âmbito das especificidades dessa matéria escolar.

Deste modo, diante da temática ampla desta pesquisa, realizaremos aqui um recorte específico de análise. Nos dedicaremos à cartografia escolar nesse período a partir de duas edições de uma das mais famosas obras de Carlos Miguel Delgado de Carvalho (1884-1980): *Geographia do Brasil* (1930) e *Geographia do Brasil – 3ª série* (1943) e da obra *Geographia Regional do Brasil – 4ª série* (1943). Vale lembrar que essas obras possuem outras edições, porém, elegemos essas duas pois representam dois momentos do processo de consolidação do movimento da Escola Nova: o primeiro, o começo dos anos 1930, com o advento de reformas provinciais e, mais tarde, da promulgação da Reforma Francisco Campos e do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, sinalizando a expansão dos ideários escolanovistas no país; e o segundo momento, a partir de 1942 com a Reforma Capanema e sua ampla difusão nos sistemas de ensino brasileiros, em especial no âmbito da escola secundária (SAVIANI, 2008).

Desse modo, temos por objetivo central deste texto analisar e discutir os arcaísmos históricos, sociais e culturais que envolveram a constituição da disciplina de Geografia no ensino secundário do país a partir da cartografia escolar de obras de Delgado de Carvalho enquanto representação e linguagem simbólica da identidade da disciplina na escola. Este artigo se constitui como um ensaio teórico e analítico escrito a partir de procedimentos de uma pesquisa bibliográfica e documental norteada por questionamentos e conjecturas acerca dos subsídios teórico-metodológicos e processos investigativos imbricados no âmbito da história da Geografia Escolar e do desenvolvimento histórico das reformas educacionais e dos livros escolares analisados.

Nesse sentido, nossa perspectiva teórico-metodológica delinea-se no entremeio das fundamentações da história das disciplinas escolares, imbricada e articulada à história do currículo, história cultural e, especificamente, história da cultura escolar. No âmbito da história

das disciplinas escolares, consideramos, assim como Chervel (1990), que os conhecimentos escolares não são meras simplificações dos conhecimentos científicos produzidos na academia, ao contrário, pressupomos que os conhecimentos escolares estabelecem relações de referências com os conhecimentos científicos, mas se constituem por objetivos e finalidades próprios ao ensino escolar e seus contextos, produzindo e (re) produzindo culturas escolares.

Para Chervel, o papel da escola não se limita ao exercício das disciplinas escolares. Elas constituem uma parte da educação escolar. Considera, ainda, que as finalidades da educação escolar não estão forçosamente inscritas nos textos, mas, de certa forma, colocadas em posição antagônica, entre o lado da lei, da prescrição institucional, e o das práticas concretas, desenvolvidas no cotidiano. Ademais, o autor coloca que a escola possui liberdade de manobra para definir sua pedagogia e seu conteúdo. Considera, ainda, a instituição escolar como produtora de conhecimento.

O autor advoga que os conteúdos de ensino não são apenas expressão das ciências de referência, como muitas vezes o senso comum e a própria escola pregam, mas que estes foram historicamente criados pela própria escola, “na escola e para a escola” (CHERVEL, 1990, p. 181).

Assim, tomamos a cartografia escolar como um dos símbolos que configuraram e configuram esses enredos históricos e culturais da disciplina na escola, em especial, nos livros escolares. Além da consolidação da cartografia escolar como campo do conhecimento que se estabelece na interface entre cartografia, educação e geografia, no âmbito do ensino de Geografia, ela, a cartografia escolar, têm, também, tomado lugar no currículo da educação básica, como conteúdo, enunciado ou proposição. A consulta a propostas curriculares oficiais, como nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) e, mais recentemente, na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) evidenciam tal ocorrência.

Nesse sentido, acreditamos assim como Julia (2001), que cultura escolar representa:

[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (JULIA, 2001, p. 10).

Por meio das concepções da história das disciplinas escolares, consideramos os manuais e livros escolares enquanto materialização cultural, simbólica e histórica da escola, o que é apontado por Escolano (1992) como uma categoria específica dos elementos estruturais da instituição escolar, justificando sua pesquisa, ao passo que essas categorias sejam organizadas e pensadas segundo uma ordem engendrada no tempo escolar. Sendo assim:

El tiempo, al igual que otros elementos estructurales de la escuela (el espacio, la organización didáctica, los medios tecnológicos, los sistemas de disciplina y examen...), expresa algunas características relevantes de la educación formal en su dimensión práctica o real; no sólo porque es una categoría que materializa las concepciones y los modos de educación, sino también porque esa misma materialidad instituye un discurso pedagógico y cultural (ESCOLANO, 1992, p. 55).

Tomamos a perspectiva cultural dos livros escolares como indicativos de caminhos investigativos à pesquisa na história da educação, e em especial na história da disciplina escolar de Geografia, o que nos possibilita um recorte específico aos aportes culturais

que simbolizaram a cartografia escolar no âmbito da história dessa disciplina na escola. Reforçamos ainda que não pretendemos tentar esgotar a temática, mas sim, buscamos contribuir para a sua problematização em âmbito científico a partir dos resultados de nossa pesquisa doutoral (PEREIRA, 2019).

Organizaremos, dessa maneira, o texto em dois momentos distintos: primeiramente, um esboço teórico e conceitual que busca apresentar as aproximações entre o movimento da Escola Nova e a Geografia moderna escolar, dando especial atenção ao papel da cartografia escolar nesse período de constituição da disciplina; no segundo momento, nos debruçamos às análises de indícios interpretados nos livros elegidos, buscando apresentar aspectos simbólicos e discursivos que configuraram a cartografia escolar e suas representações no âmbito da Geografia na escola.

CONCEPÇÕES: ESCOLA NOVA, GEOGRAFIA MODERNA E CARTOGRAFIA ESCOLAR

Tanto do ponto de vista político como no da práxis, o Movimento Escola Nova foi o primeiro movimento educacional que procurou realizar renovações teóricas e metodológicas no ensino brasileiro a partir dos anos de 1920, tendo como marco a oposição aos métodos ditos “tradicionalistas”⁴ como a memorização, o enciclopedismo, o verbalismo, o passividade do aluno e o magistrocentrismo.

Com origens ainda no século XIX, nos Estados Unidos e na Europa, e em contraposição a estes métodos ditos “tradicionalistas” na perspectiva de seus defensores, Movimento Escola Nova pregava a centralidade do aluno no processo de ensino e aprendizagem, sendo este um sujeito considerado ativo no processo de aprender. Quanto aos conteúdos de ensino, advogava-se que as disciplinas estivessem voltadas para a realidade cotidiana e profissional do educando, baseadas em paradigmas positivistas, na experimentação, nas ciências modernas e em exemplos práticos e exercícios “ativos” (PEREIRA, 2019).

Impulsionado pelo contexto de eminente urbanização e industrialização no Brasil, [ainda que processos tardios] e das renovações políticas implementadas pelo Governo Provisório e depois pelo Estado Novo, ambos comandados por Getúlio Vargas, o Movimento Escola Nova viu florescer entre os anos 1920 e 1940 veias progressistas nos âmbitos sociais, políticos e econômicos que subsidiaram interesses que difundiram e sistematizaram seus postulados na educação do país (ROMANELLI, 2010).

Valdemarin (2010) compreende o período entre as décadas de 1920 e 1930 como o momento de maior efervescência e força dos ideais escolanovistas no Brasil e, sobretudo, com maior influência nas renovações no âmbito da cultura escolar e dos livros escolares. A referida autora, no entanto, entende o Movimento Escola Nova como um complexo arranjo heterogêneo de filosofias, metodologias e ideologias que formam um movimento intelectual em que vertentes podem ser identificadas desde o final do século XVIII até os dias atuais; tais vertentes muitas vezes até contrapostas ao sabor dos interesses profissionais dos sujeitos envolvidos e dos aspectos políticos, econômicos e culturais de cada contexto.

Desse modo, corroboramos com Valdemarin (2010) ao apontar que uma periodização homogênea é arriscada e determinista. Assim, por essa perspectiva, o ideal para se pensar o Movimento Escola Nova deve partir do delineamento das fontes, considerando que o conjunto de indícios é circunscrito para além dos dados factuais, observando contextos, problemáticas, descontinuidades históricas e enredos discursivos e culturais. (PEREIRA, 2019).

Neste sentido, como aponta a pesquisa realizada por Pereira (2019), nossa análise parte da premissa de que a constituição da Geografia Escolar Moderna, enquanto disciplina curricular, converge em diversos aspectos aos ideais do Movimento Escola Nova. Mesmo que apresentando um percurso sinuoso, que ora se agrega, ora se emulam, ou apresentam divergência, os ideais da Geografia escolar encontram diversas perspectivas de correspondência entre o movimento de renovação pedagógica representado pela Escola Nova e a Geografia escolar moderna. O emprego de linguagem apropriada pela ciência para legitimar a difusão de conceitos, teorias e hipóteses pedagógicas, o uso do discurso acadêmico para divulgar teorias de aprendizagem e prescrições didáticas, por exemplo, são características em comum.

Entre esses Movimentos, o da Escola Nova e o da Geografia Moderna, havia conexões permeadas por processos graduais e lentos, repletos de oscilações, apresentando aspectos de continuidade e permanências e outros de descontinuidade e retrocesso. O itinerário de correlações estava vinculado a disputas curriculares e discursivas de caráter heterogêneo. Foi, também, um percurso marcado pelo conflito de interesses de grupos profissionais, sobretudo por professores, que influenciaram na cultura escolar brasileira da época (PEREIRA, 2019).

Ao elegermos as duas edições da obra *Geographia do Brasil* e a obra *Geographia Regional*, de Delgado de Carvalho, buscamos compreender dois momentos específicos da constituição da Geografia Escolar a partir do movimento escolanovista e dos ideários da Geografia Moderna. As aproximações teóricas que pretendemos abarcar nesse texto se delineiam a partir das relações entre os conhecimentos científicos e escolares a respeito da cartografia na Geografia de Carlos Miguel Delgado de Carvalho (1884-1980), reconhecidamente um dos principais autores de livros escolares da disciplina no período citado.

Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009) ressalta a influência de Delgado de Carvalho e sua importância na consolidação da Geografia acadêmica e escolar desde a década de 1920. Delgado de Carvalho formou-se em universidades francesas e norte-americanas, e aqui no Brasil no âmbito de seu trabalho no Colégio Pedro II, na cidade do Rio de Janeiro, elaborou uma vasta obra de livros e manuais escolares que eram considerados os mais modernos em termos de Geografia no Brasil até então.

Para Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), Delgado de Carvalho representava a influência de uma Geografia Moderna, de origem francesa, cuja perspectiva se alinhava à diferenciação de áreas pelas regiões naturais. Além disso, do ponto de vista educacional, Romanelli (2010) aponta Delgado de Carvalho como um dos poucos intelectuais responsáveis pela inserção do movimento Escola Nova, de influência norte americana, no Brasil e o representante da Geografia na discussão e elaboração do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932. Sob essas perspectivas, sua obra pressupõe, mesmo sob influência de uma Geografia tida como “clássica”, uma renovação nos métodos de ensino que se fundamentavam no pragmatismo científico atrelado a concepções sociológicas e psicológicas na educação.

Neste sentido, o principal conceito defendido naquele momento era o de ‘região natural’, que para Delgado, estabelece uma análise geográfica permeada por uma forte presença dos elementos naturais da paisagem e no condicionamento da representação dos fatores humanos na mesma. Representando os ideais da Geografia Moderna ou clássica, o autor afirma em sua obra que o conceito de região natural supera a Geografia de nomenclatura de outrora, quando a ciência geográfica deixa de ser descritiva e passa

a ser também explicativa, servindo como “uma imagem composta, uma síntese esboçada que vai servir de cenário à ação do homem” (CARVALHO, 1944, p. 16).

Albuquerque (2011) afirma que Delgado entendia a finalidade do ensino de Geografia a partir da relação entre a terra e o homem – para ele a paisagem – que compunha o todo regional. A descrição e caracterização da paisagem na Geografia Escolar passa por adaptações seriadas de acordo com o nível de aprendizagem do aluno, e sua compreensão deveria ser de uma escala menor para uma escala maior. Ou seja, de certa maneira, o pensamento de Delgado era de que a região natural era o dimensionamento em síntese da relação homem/natureza, por isso, entendemos que a cartografia escolar do autor perpassa a representação dessas compreensões.

É importante ressaltarmos, e isso foi um dos temas pesquisados por Pereira (2019), que especificamente a Geografia Escolar passava por dois momentos de transformação distintos, porém relacionados: a Geografia Moderna escolar, como representatividade da relação com o movimento de institucionalização científica da disciplina, e do ponto de vista pedagógico, a Escola Nova, que teve influência em maior ou menor grau em todas as instâncias de ensino brasileiras ao longo do século XX. Esses dois processos históricos estão imbricados na constituição da cultura escolar geográfica e, conseqüentemente influenciaram a difusão da cartografia escolar no país.

De uma maneira geral, tanto o movimento da Escola Nova quanto os defensores da Geografia Moderna, defendiam uma renovação do ensino baseada em pressupostos positivistas que superassem o excesso de nomenclaturas contidas nos conteúdos das disciplinas e os processos de ensino e aprendizagem que até então eram focados na memorização. Para essas correntes, a aprendizagem devia acontecer por meio da experiência ativa do aluno, por meio de conteúdos científicos que fizessem sentido para a realidade do aluno e a partir da aprendizagem relacionada aos estudos e observações do meio onde o aluno vivia.

Concordamos com Albuquerque (2011) ao afirmar, porém, que o processo de constituição da Geografia Escolar é repleto de permanências e mudanças ao longo do tempo, o que nos leva a pressupor que esses dois movimentos que influenciaram a cartografia escolar nesse período, também não são homogêneos em sua constituição no âmbito da Geografia escolar. Para a autora, é evidente que entre as propostas teóricas, o currículo prescrito, a difusão de prática pedagógica entre professores sempre houve distanciamentos que diversificaram os símbolos culturais e as metodologias presentes nos livros escolares e nas práticas do cotidiano escolar .

Diante disso, tendo como foco realizar considerações sobre a cartografia escolar nas referidas obras de Delgado de Carvalho, é importante reconhecermos o caráter cultural e de historicidade de representação da própria cartografia escolar enquanto objeto de análise. Acreditamos, assim, que a cartografia escolar e suas representações explicitadas nos livros escolares não são neutras, mas repletas de intencionalidades balizadas pelo contexto histórico, pelas posições dos autores, pela cultura escolar e pelo processo de produção editorial das obras permeado por discursos, objetivos que expressam o contexto e a intensão de sua produção . Nesse sentido:

[...] o mapa é uma representação da superfície da terra, conservando com essas relações matematicamente definidas de redução, localização e de projeção no plano. Sobre esse mapa base, assim obtido, pode-se representar uma série de informações, escolhidas por interesses ou necessidades das mais diversas ordens [...] (ALMEIDA, 2004, p. 13).

No meio da produção acadêmica ocorre de forma sistemática e persistente o equívoco de não operar criticamente a respeito de alguns pilares que sustentam as reflexões epistemológicas das ciências humanas e, conseqüentemente, esse fato é observado no âmbito da dificuldade em tratar a Cartografia como linguagem. Tal equívoco, ou problemática, ocorre tanto no próprio contexto da discussão epistemológica da ciência Geográfica quanto no da Cartográfica. Como aponta Fonseca:

(...). O que na Geografia se manifesta na insistência em manter firme a idéia de que existe um espaço “real”, isto é material, suporte evidente e verdadeiro das representações cópias dessa realidade espacial, independente de qualquer leitura que se faça dele. O que torna desnecessário qualquer teorização desse objeto de estudo, já que a teorização também é uma forma de representação, significa releitura e reconstrução.(...) (FONSECA, 2004, p. 192).

Um exemplo caricato é desconsiderar o processo de “tradução” dos elementos cartografados no espaço, termo comum no campo, (espaço tido como “espaço real”), o mapa como “dado representado” e não como criação, ou produção de sentido. Sobre esse tema, sugerimos a consulta de Fonseca (2004), Gerardi (2011) e Seemann (2015).

A partir disso é possível considerar que as representações cartográficas se configuram como um conjunto de linguagem cujos conhecimentos perpassam interesses e contextos históricos. Nesse sentido, acreditamos que também possamos considerar que a história da cartografia escolar se configura por permanências e mudanças visto que se confronta diretamente com os contextos da prática escolar cotidiana e dos livros escolares de Geografia no período que estamos investigando. Dessa forma:

[...] a elaboração dos mapas não é determinada apenas pela técnica; os mapas expressam ideias sobre o mundo, criadas por diversas culturas em épocas diferentes. A produção cartográfica sempre esteve ligada a interesses políticos e militares, influências religiosas e mesmo a questões práticas, como, por exemplo, a navegação. Os mapas, portanto, só podem ser devidamente compreendidos se vistos no contexto histórico e cultural em que foram produzidos o que significa entender também os limites técnicos de cada época, evitando o equívoco de confundir essas limitações políticas (ALMEIDA, 2004, p. 13).

Diante disso, os pressupostos que assumimos para a análise neste trabalho não são relacionados à técnica da produção cartográfica em si, mas fundamentados no âmbito da história das disciplinas escolares e da cultura escolar. Nossa intenção é discutir a cartografia como linguagem de representação de discursos, de objetivos, de finalidades educacionais e de metodologias de ensino que correspondem ao contexto histórico por nós estudado, que perpassa os movimentos educacionais da Escola Nova e as transformações ocorridas com a ascensão da Geografia Moderna e *pari passu* a Geografia escolar.

INDÍCIOS DA CARTOGRAFIA ESCOLAR DE DELGADO DE CARVALHO E OS CONTEXTOS DA ESCOLA NOVA E DA GEOGRAFIA MODERNA

Diante dos objetivos, dos pressupostos teórico-metodológicos e dos recortes propostos por esse trabalho, discutiremos a cartografia escolar nos livros didáticos selecionados sobre as seguintes perspectivas: a cartografia como símbolo de uma orientação positivista de ensino, suas funções e suas finalidades no âmbito da disciplina de Geografia.

A CARTOGRAFIA ESCOLAR E A EDUCAÇÃO POSITIVISTA

O paradigma positivista exerceu grande influência sob as ciências naturais e humanas ao longo do século XIX. O trabalho de Darwin teve grande ressonância no nível científico e filosófico no desenvolvimento de todas as disciplinas, constituindo o paradigma da “ciência moderna” e modificando seus postulados e métodos, inclusive no âmbito da Geografia. Segundo Beltrán (1995), esse processo provocou mudanças não só na concepção da ciência, como também influenciou uma corrente de pensamento baseada na defesa da superação da educação tradicional por meio da educação de cunho positivista: ensinar conteúdos científicos seria, então, a forma de superar o chamado ensino “tradicional”.

Alguns autores, como Saviani (2008) e Romanelli (2010), consideram que as primeiras décadas do século XX, sobretudo a partir dos anos 1930, se configuraram a partir de movimentos que defendiam uma educação cujos conteúdos tivessem estrita relação com o desenvolvimento das ciências, as quais estavam no auge de seu desenvolvimento positivista.

Para Beltrán (1995), no ensino de Geografia materializou-se o interesse pela divulgação do conhecimento científico-natural aliado à defesa de uma moral nacionalista, que, por seu lado, esteve relacionada às necessidades do desenvolvimento industrial de países, inclusive do Brasil. Nesse contexto, também ocorreu um movimento político e social evidenciando a necessidade de melhoria da formação da classe trabalhadora que precisava de qualificação para novas demandas que viriam atender a novos objetivos sociais e nacionais. O autor enfatiza que tal processo não se tratou da defesa do ensino da ciência propriamente dita, mas da introdução de aspectos do método científico no ensino, dando:

[...] a la observación y a la inducción un extraordinario valor educativo, como disciplina mental, que permite al hombre aplicar el método científico a las necesidades de la vida. Del contenido de la ciencia han de seleccionarse los conocimientos útiles para adquirir los primeros rudimentos, que deben tener un carácter eminentemente práctico, partiendo de los hechos y de los objetos que rodean al niño (BELTRÁN, 1995, p. 77).

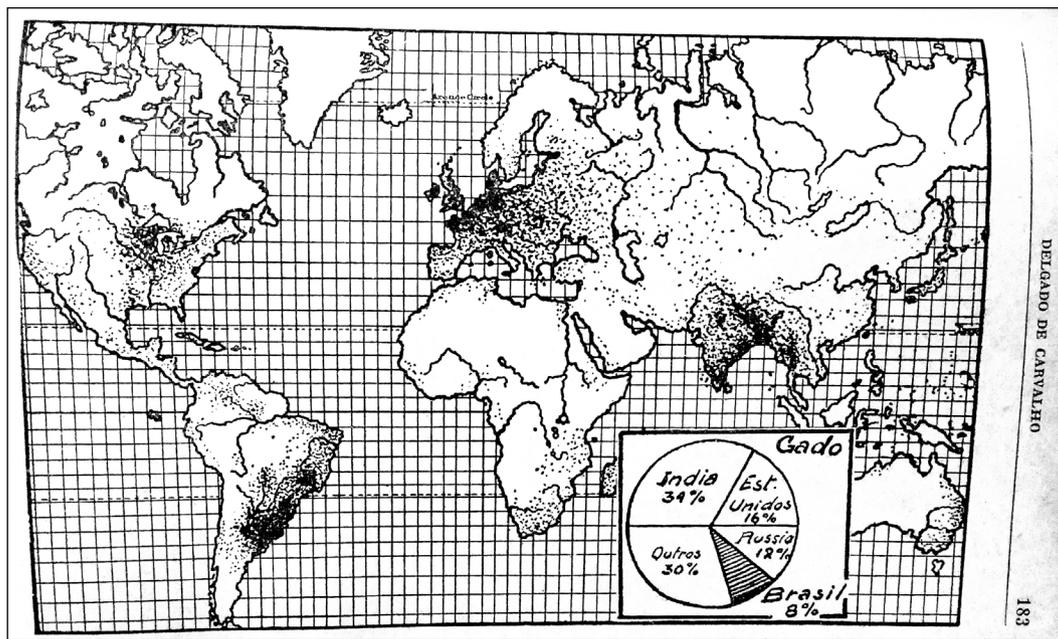
Do ponto de vista do desenvolvimento da Geografia Moderna, esse interesse por uma educação positivista era compartilhado no âmbito da didática da Geografia e nesse sentido, para Beltrán (1995), a cartografia escolar junto com a Geografia Física confeririam à disciplina de Geografia na escola um papel importante no desenvolvimento de uma educação positivista devido às suas relações com a sistematização da ciência e dos conhecimentos técnicos da disciplina.

No âmbito desse contexto de “modernização”, a cartografia representa a manifestação de um discurso apropriado a conjuntura, como apontam os autores:

Ao longo de séculos, a cartografia a era tida como ciência e como arte, enquanto símbolo do saber erudito e das representações de mundo e de poder daqueles que o detinham historicamente. Com o advento da modernidade, ela ganha status social ao se tornar uma marca da precisão de dominação dos estados nacionais para, por fim, passar a ser demarcada pela quantificação, aproximando-se dos pressupostos positivistas do cartesianismo e da consolidação das chamadas “ciências modernas” (SILVA; COSTA; PEREIRA, 2018, p. 16-17).

Vale lembrar que em uma “educação positivista” as novas concepções da cartografia eram vistas como uma maneira de “modernizar” o ensino e, ao mesmo tempo, “legitimar” as disciplinas escolares, uma vez que a introdução de conhecimentos baseados nas ciências modernas tinha como objetivo conferir “credibilidade”, “confiabilidade” e certo grau de “progresso” perante a sociedade emergentemente urbana e industrial.

Delgado de Carvalho, autor inserido diretamente na defesa das duas correntes educacionais, deixa clara essa relação com a educação positivista em uma nota explicativa no início da sua obra *Geographia do Brasil* de 1930. Afirma que os alunos deveriam basear seus estudos na confrontação de dados estatísticos para a interpretação da realidade geográfica. Apesar de não mencionar explicitamente a cartografia nesse momento como uma das linguagens de suporte para isso, observamos em diversos momentos que sua análise compreende os mapas como elemento de representação que tem por objetivo expor e contextualizar dados estatísticos. Vejamos a seguir:



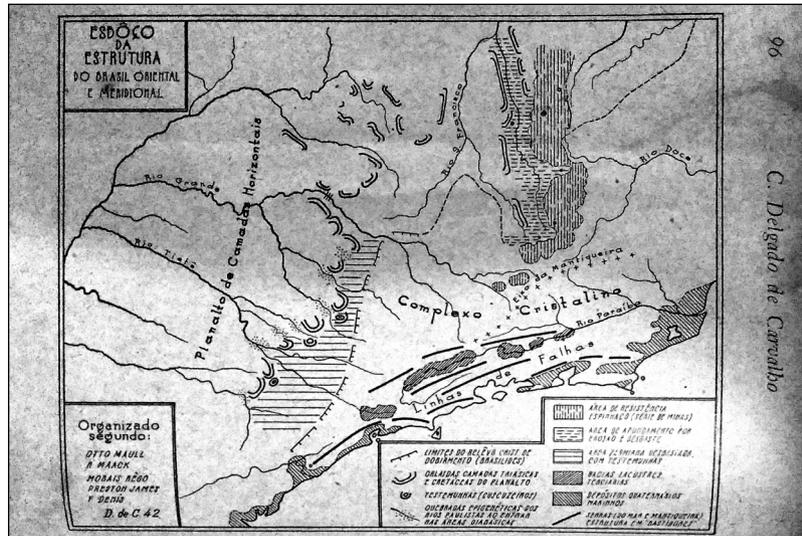
Fonte: Delgado de Carvalho, *Geographia do Brasil*, 1930.

Figura 1. Mapa de distribuição do rebanho bovino mundial.

O mapa, diante dessa perspectiva de educação positivista, propõe que o aluno interprete a disposição de dados estatísticos no mundo por meio da representação cartográfica. Inferimos que os objetivos educacionais expostos por Delgado, confere legitimidade e “cientificidade” ao conhecimento geográfico por meio dos mapas como linguagem para uma interpretação estatística de um conteúdo.

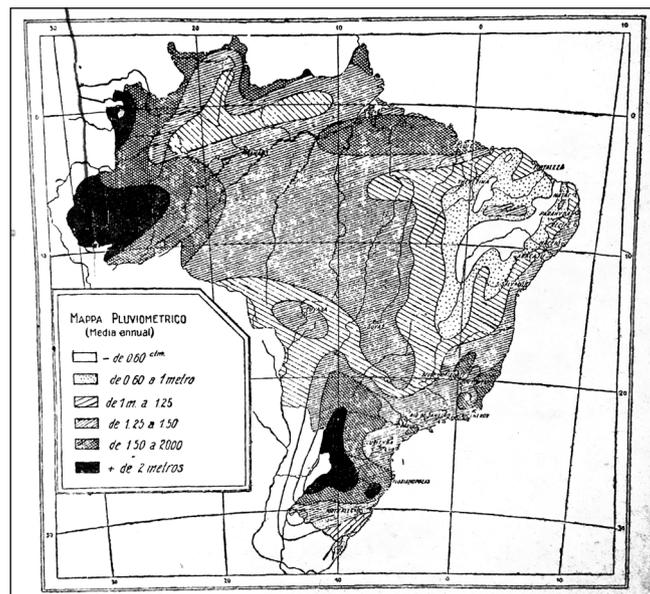
Entre os objetivos dessa educação positivista justaposto na Geografia Moderna e permeado pela Escola Nova, segundo Beltrán (1995) está a inserção de dados e conhecimentos oriundos de pesquisas científicas para transformar a linguagem do ensino de Geografia na escola, superando as nomenclaturas. Delgado realiza isso diversas vezes em sua obra e a cartografia escolar, pelo menos nas obras analisadas, passa a ter uma finalidade de representação de conhecimentos oriundos da ciência geográfica.

Porém, acreditamos que o principal vínculo da cartografia de Delgado de Carvalho com os pressupostos de uma educação positivista se configura a partir da Geografia Física, como podemos observar a seguir:



Fonte: Delgado de Carvalho – Geographia Regional do Brasil – 4ª série (1943).

Figura 2. Estrutura Geológica do “Brasil Oriental e Meridional”



Fonte: Delgado de Carvalho, Geographia do Brasil, 1930.

Figura 3. Mapa pluviométrico do Brasil.

As obras de Delgado possuem diversos exemplos, como os das Figuras 2 e 3, em que a cartografia escolar dedica especial atenção aos conteúdos da Geografia Física, mantendo na representação uma linguagem que articula dados científicos sobre o espaço analisado com o objetivo de que o aluno interprete a disposição desses dados ditos como científicos.

Ao empregar enunciados e elementos próprios do discurso científico, os textos didáticos de Delgado corroboram ao processo analisado por Goodson (1990) quando aponta o procedimento de constituição da geografia como disciplina autônoma no Reino Unido entre o final do século XIX e início do século XX. Para Goodson, a busca de sistematização do discurso geográfico escolar atrelado às manifestações próprias da ciência representam o uso de mecanismos de legitimação discursiva perante a sociedade.

É possível interpretarmos assim, conforme o que propõe Escolano (1992), que a cartografia escolar nesse período, diante dos interesses do movimento da Escola Nova e da Geografia Moderna, representou uma linguagem que materializou nos livros didáticos de Delgado de Carvalho uma série de discursos pedagógicos e culturais que pregavam uma renovação dos conteúdos de ensino de Geografia, superando as nomenclaturas descritivas. Dessa maneira, é possível considerarmos a cartografia escolar de Delgado, nesse momento histórico, como um dos símbolos dessa renovação de linguagem no ensino de Geografia, valorizando um discurso positivista de educação.

AS FUNÇÕES EDUCATIVAS E METODOLÓGICAS DA CARTOGRAFIA ESCOLAR: RENOVAÇÕES?

Segundo Chervel (1990), a investigação no âmbito da História das disciplinas escolares pressupõe o estudo da sua gênese, das suas finalidades/funções e do seu funcionamento, percurso que nos permite compreender a estrutura interna da matéria escolar e de seus processos históricos. Entendemos como funções/finalidades deste processo de constituição da matéria escolar as intencionalidades e os propósitos expressos pelos discursos nos manuais escolares voltados (ou não) às renovações de ensino teoricamente propostas à época.

Acreditamos, assim como Rocha (1996), que houve avanços no que tange ao uso da cartografia em livros escolares no início do século XX, sobretudo, devido ao desenvolvimento tecnológico que possibilitou o aperfeiçoamento das condições de edição que, gradualmente, permitiu o aperfeiçoamento da qualidade das impressões, o que acreditamos ter influenciado as transformações do uso técnico dos mapas de melhor qualidade, bem como no acréscimo do uso de imagens cartográficas nos livros e manuais didáticos.

Se por um lado a melhoria da qualidade editorial pode ter ajudado na transformação dos usos da cartografia em livros escolares, contribuindo simbolicamente para uma Geografia escolar culturalmente alinhada aos pressupostos renovadores da educação positivista, por outro lado, acreditamos ser questionável, no mínimo, os seus usos enquanto linguagem e dispositivo metodológico que renovassem as finalidades de ensino da Geografia em termos de operacionalização que incide na atualização das práticas e na sua abordagem epistemológica.

Conforme assumimos anteriormente, acreditamos que o período de predominância dos ideais da Escola Nova e da Geografia Moderna são repletos de mudanças e permanências. Saviani (2008) caracteriza esse período afirmando que a escola passou por uma “modernização conservadora”, que nada mais é que um processo de transformação

educativa que renovou alguns princípios e manteve outros de acordo com os interesses e práticas próprias da escola, ou seja, da própria cultura escolar.

Nesse sentido, em um viés eminentemente positivista de análise histórica, considerando Delgado de Carvalho como um dos maiores defensores dos pressupostos da Escola Nova e da Geografia Moderna no Brasil da primeira metade do século XX. Nesse sentido, podemos conjecturar que a cartografia difundida em seus livros leva em conta uma representação cartográfica com conteúdos e finalidades de ensino totalmente renovados, de acordo com esses movimentos. Porém, ao contrário do que poderíamos inferir nessa perspectiva caracterizada pela hegemonia positivista da história, no âmbito da cultura escolar e da história das disciplinas, acreditamos que não é possível fazer tais afirmações, pois, como veremos a seguir, a história da disciplina não é linear e homogênea, mas sim repleta de oscilações e até mesmo contradições.

Em nossas pesquisas, defendemos a tese de que os princípios e as finalidades de ensino propostos no âmbito do Movimento Escola Nova são assumidos de maneira implícita e não homogênea no âmbito dos discursos dos manuais escolares analisados para a disciplina de Geografia no ensino secundário brasileiro, e conseqüentemente a cartografia escolar manifesta por um lado uma linguagem renovadora, mas, por outro, suas funções e finalidades educativas, a partir dos livros escolares, se detiveram predominantemente a um teor ilustrativo e pouco “ativo” em sua relação textual destinada aos alunos (PEREIRA, 2019).

Vejam os exemplos a seguir:



Fonte: Delgado de Carvalho – Geographia Regional do Brasil 4ª série (1943)
Figura 4. As regiões brasileiras.



Fonte: Delgado de Carvalho - Geographia do Brasil 3ª série (1943).
Figura 5. Mapa dialetológico do Brasil.

Como podemos observar nas Figuras 4 e 5, nos livros de Delgado de Carvalho os mapas estão sempre acompanhados de textos os quais podem nos fornecer indícios sobre as finalidades de ensino que permearam as representações cartográficas em sua obra, bem como os seus alinhamentos com as teorias renovadoras da educação ligadas à Escola Nova e à Geografia Moderna.

De uma maneira geral, recordamos que esses movimentos possuem como princípio básico a ideia de que o aluno passe a ser sujeito ativo no processo de ensino e aprendizagem, buscando nas bases positivistas da experimentação, observação e dedução as explicações para os conteúdos escolares (BELTRÁN, 1995).

Nesse cenário de renovação, era de se esperar que a cartografia escolar se renovasse, construindo metodologias ativas de produção de representações do espaço por parte do aluno. No entanto, nas obras analisadas, não encontramos indícios de uma abordagem em que a cartografia escolar, nesses livros didáticos apresentasse um tratamento ou uma atividade que mobilizasse uma produção ou reflexão ativa desse tipo representação por parte do aluno. A linguagem cartográfica não é, por exemplo, inserida no conjunto da abordagem dos conteúdos e, assim, o mapa é apresentado como mera ilustração gráfica sem que possua nenhum atributo próprio.

Apesar da melhoria gráfica e editorial dos mapas e dos avanços dos conteúdos diante de uma educação positivista, a metodologia de uso dessas representações nos livros didáticos continuaram expositivas e descritivas, que passa a desempenhar um papel meramente figurativo para a observação passiva do aluno. Nas Figuras 4 e 5, assim como em outros mapas das obras analisadas, os mapas aparecem como uma ilustração complementar ao texto, nesse sentido, há a permanência de uma perspectiva passiva do aluno frente à interpretação do mapa.

Ainda ao analisar os mapas e os textos que os acompanham, os indícios nos mostram que nessas obras de Delgado de Carvalho, os mapas nem são referenciados no texto, ou seja, o texto que acompanha os mapas não convida os alunos a lerem os mapas e não convida os alunos a questionarem os mapas. A nosso ver, apesar da crescente utilização dos mapas nesse período, é possível conjecturar que seus usos mantiveram características da cultura escolar dita “tradicional”, preservando o caráter passivo do aluno frente ao conhecimento da representação cartográfica.

Ainda para compreendermos essa análise sob a óptica da história das disciplinas escolares e das pesquisas em Cultura Escolar, Escolano (2006) aponta outros aspectos gerais e teóricos da recepção e difusão dos ideais renovadores, especialmente nos manuais e livros didáticos. Para o autor, o movimento educacional da Escola Nova foi configurado necessariamente como “antilibresco”, focado no desenvolvimento metodológico dos conteúdos, enquanto o livro era um símbolo da tradição verbalista e da memorização do ensino tradicional, porque, como livro, seu gênero textual era focado, geralmente, na palavra memorizada, recitada e reproduzida e nas imagens e mapas com teor meramente ilustrativo. Tal fato aponta indícios da forma como as obras de Delgado de Carvalho empregaram a cartografia renovada do ponto de vista positivista, porém, ainda com a função educativa meramente ilustrativa.

Assim, em um primeiro plano de análise, o Movimento Escola Nova propunha renovar esses métodos por meio da ação, intuição e experiência prática do aluno, ou seja, opondo-se à tradição livresca. Por outro lado, o Escolano (2006) ressalta que os pressupostos do movimento renovador não tiveram a força necessária para romper com a tradição escolar do

uso do manual como livro de texto, de leitura, ilustração e de memorização, pois havia uma cultura socialmente difundida de que no livro estavam materializados todos os conteúdos e uma ideia de que o livro carregava “verdades absolutas” a serem reproduzidas.

Por essa razão, Escolano (2006) aponta que, sem poder extrapolar a tradição livresca, houve tentativas de transformar os gêneros textuais dos livros escolares para que estes pudessem sistematizar o conhecimento por meio das metodologias do Movimento Escola Nova, já que seria muito difícil superar a tradição dos livros.

Diante disso, fundamentados em nossas análises, em especial em Pereira (2019) os indícios encontrados nos livros escolares pesquisados apontam para a ideia de que as funções e finalidades educativas da cartografia escolar nessas fontes estiveram predominantemente relacionadas ao processo de ilustração gráfica dos materiais didáticos e dos avanços editoriais, à aderência ao discurso e difusão de ideias modernas de “ciência positivista” agregados nos discursos de Delgado. A cartografia, assim, recebeu um caráter ilustrativo e de difusão dos ideais nacionalistas do Estado Brasileiro, em conformidade com o que apontam Rocha (1996) e Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), constituindo um processo histórico de legitimação de uma identidade da Geografia escolar por meio da linguagem cartográfica.

Por outro lado, os indícios mostram que a cartografia escolar expressa nos manuais de Delgado de Carvalho, perante os gêneros textuais analisados, negligenciam os aspectos “ativos” das funções e finalidades educativas defendidas no âmbito dos movimentos renovadores da Escola Nova e da Geografia Moderna Escolar.

Assim, nossas análises apontam para o entendimento de que a cartografia escolar, nesse período de configuração da disciplina teve uma caracterização própria dos movimentos históricos denominados de “modernização conservadora” no âmbito do desenvolvimento autônomo da disciplina que, conforme aponta Saviani (2008), configurou no sistema educacional brasileiro dualidades e coexistências de renovações progressistas e permanências de aspectos ditos “tradicionais” de ensino.

Vale lembrar que isso não significa que todos os livros e todos os autores dessa época seguiram o mesmo padrão das obras de Delgado de Carvalho, porém, vale lembrar também que ele é um dos mais importantes autores desse período e tem reconhecida participação na constituição histórica da disciplina. Mas, com a pesquisa, foi possível analisarmos diversas oscilações e contradições históricas próprias das intencionalidades da cultura escolar da Geografia escolar e de suas linguagens, entre elas, a cartografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse artigo, elucidamos pressupostos teóricos e documentais acerca da constituição histórica da cartografia escolar como linguagem simbólica e material da Geografia enquanto disciplina escolar legitimada nos currículos por meio dos livros escolares, em especial, foram analisados aspectos da cartografia escolar em obras de Delgado de Carvalho, refletindo acerca de suas oscilações, contradições, renovações e permanências no entremeio deste processo histórico-educacional.

Ao defendermos que a cartografia escolar se constituiu nesse período diante de processos dialéticos de “modernização conservadora” e de “positivismo escolar”, conjecturamos as contradições expressadas nos mapas e análises fundamentadas em autores da área educacional e pelos indícios explorados a partir de três livros didáticos de Delgado de Carvalho, considerados na análise.

Acreditamos que esses pressupostos de “modernização conservadora” e “positivismo escolar” se configuram como aspectos materiais e simbólicos aos quais nos propomos avançar diante de nossas pesquisas, buscando contribuir academicamente para a discussão histórica da disciplina e levantando novos questionamentos.

No que tange à cartografia enquanto linguagem veiculadora de um “positivismo escolar”, os indícios denotaram uma materialidade de discursos e conteúdos que sinalizam a introdução e defesa de uma educação pautada no cientificismo para superar o caráter mnemônico e enciclopédico da dita escola “tradicional”.

As evidências interpretadas a partir do circunstanciamento das fontes apontam ainda a íntima relação da constituição de uma cartografia escolar em paralelo ao crescimento editorial e gráfico do país que passou a permitir, nas primeiras décadas do século XX, que mapas pudessem ser introduzidos aos livros didáticos. Ainda destacamos a análise de que a cartografia escolar, apesar de atrelada a um discurso renovador do ensino no período, adquiriu caráter predominantemente ilustrativo, pouco “ativo” e de viés ideológico nacionalista nas obras de Delgado de Carvalho.

Ressaltamos que não consideramos nossas considerações como finalísticas ou como “verdades”, mas interpretações sócio-históricas abertas à discussão acadêmica e limitadas diante do formato de artigo e dos objetivos propostos a partir do circunstanciamento das fontes e dos dados e análises amplificadas ao longo da pesquisa de Pereira (2019) que deu origem a esse artigo.

As pesquisas realizadas encaminham a reflexão para o reconhecimento da importância e centralidade de atuação de Delgado de Carvalho na constituição da Geografia escolar. Todavia, o alcance de suas obras e suas propostas de renovação se mostraram limitadas pelos indícios contrapostos nas investigações mais recentes da área.

NOTAS

3 Esta tese contou com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo 2016/04813-4.

4 Ao longo do texto utilizaremos o termo “tradicional” usando como referência os discursos da época vinculados aos movimentos de renovação pedagógica, ou seja, é “dito tradicional” por aqueles que criticavam esse método e defendiam mudanças no ensino brasileiro. Acreditamos que o termo “tradicional” pode remeter a diferentes períodos e contextos, e, por isso, buscamos esclarecer aqui que utilizaremos o termo no sentido dado pelos defensores do Movimento Escola Nova no período.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M. A. M. de. Dois momentos na história da geografia escolar: a Geografia clássica e as contribuições de Delgado de Carvalho. **Rev. Bras. Educ. Geog.**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 19-51, jul./dez., 2011.
- ALBUQUERQUE, M. A. M. de. Século de prática de ensino de Geografia: permanências e mudanças. In: REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. (org.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Penso, 2011. v. 2. p. 13-30.
- ALMEIDA, R. D. de. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004. (Caminhos da Geografia).

- BELTRÁN, J. M. **Renovación de la enseñanza de la geografía en los orígenes de la España contemporánea**. Madrid, España: Ediciones Universidad Autónoma de Madrid, 1995.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: história / geografia**. Brasília: MEC/ SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CP 2/2017 de 22 de dezembro de 2017**. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/RESOLUCAOCNE_CP222DEDEZEMBRODE2017.pdf. Acesso em: 16 abr. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular-BNCC: versão final SEE, 2018**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf. Acesso em: 16 abr. 2020.
- CARVALHO, C. M. D. de. **Geographia do Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.
- CARVALHO, C. M. D. de. **Geographia do Brasil: 3ª série**. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1943.
- CARVALHO, C. M. D. de. **Geographia regional do Brasil: 4ª série**. São Paulo: Editora Nacional, 1943.
- CARVALHO, C. M. D. de. Uma concepção fundamental da geografia moderna: “a região natural”. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro: IBGE, v. 2, n. 13, p. 9-17, abr. 1944. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/colecao_digital_publicacoes.php. Acesso em: 10 ago. 2020.
- CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.
- ESCOLANO, A. La recepción de los modelos de la Escuela Nueva en la manualística de comienzos del siglo XX. **Revista Hist. educ.**, n. 25, p. 317-340, 2006.
- ESCOLANO, A. B. Tiempo y educación. Notas para una genealogía del almanaque escolar. **Revista de educación**. n. 298, p. 55-79, 1992.
- FONSECA, F. P. **A inflexibilidade do espaço cartográfico, uma questão para a Geografia: análise das discussões sobre o papel da Cartografia**. 2004. 250 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2004.
- GIRARDI, G. Apontamentos para uma cartografia da cartografia geográfica brasileira. **Revista da ANPEGE**, v. 7, p. 237-250, 2011.
- GOODSON, I. F. Tornando-se uma disciplina acadêmica: padrões de explicação e evolução. **Teoria & Educação**, n. 2, 1990.
- JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001.
- MELO, B. F.; PEREIRA, D. C.; PEZZATO, J. P. Delgado De Carvalho e o movimento de renovação da geografia escolar brasileira: alguns contrapontos. **Giramundo**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 17-28, jan./jun. 2018.
- PEREIRA, D. C. **Movimento escola nova e geografia moderna escolar em manuais para o ensino secundário brasileiro (1905-1941)**. 2019. 227 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, SP, 2019.
- PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender geografia**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- ROCHA, G. O. R. da. **A trajetória da disciplina geografia no currículo escolar**

brasileiro. 1996. 298 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

ROMANELLI, O. de O. **História da educação no Brasil.** 5. ed. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção Memória da Educação).

SEEMANN, J. O fim das representações na geografia cultural? *In:* ROMANCINI, S.R.; ROSSETTO, O.C.; NORA, G.D. (org.). **As representações culturais no espaço:** perspectivas contemporâneas na geografia. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2015. v. 1. p. 31-50.

SILVA, A. L. G.; COSTA, V. G. da.; PEREIRA, D. C. Formação de professores/as pesquisadores/as: contribuições e implicações do método cartográfico para as pesquisas em educação. **RECC**, Canoas, v. 23, n. 2, p. 13-27, jul. 2018.

VALDEMARIN, V. T. **História dos métodos e materiais de ensino:** a escola nova e seus modos de uso. São Paulo: Cortez, 2010 (Biblioteca Básica da História da Educação brasileira; v. 6).